

## I

A primeira coisa que ocorreu a Anderton quando viu o jovem foi: *Estou a ficar careca. Careca e gordo e velho*. Mas não o disse em voz alta. Em vez disso, empurrou a cadeira para trás, pôs-se de pé e contornou a secretária com ar resoluto, a mão direita estendida num gesto hirto. Tendo nos lábios um sorriso de amabilidade forçada, apertou a mão do jovem.

— Witwer? — perguntou, conseguindo dar a esta pergunta uma entoação amável.

— O próprio — disse o jovem loiro. — Mas peço-lhe que me trate por Ed, evidentemente. Partindo do princípio, é claro, de que partilha a minha aversão aos formalismos escusados. — A expressão no rosto absolutamente confiante do recém-chegado dava a entender que ele considerava o assunto encerrado. Iriam

tratar-se por Ed e John: reinaria entre eles desde o início uma atmosfera de agradável colaboração.

— Teve muita dificuldade em encontrar o edifício? — perguntou Anderton em tom reservado, ignorando a abordagem demasiado afável do outro. *Santo Deus, tinha de se agarrar a qualquer coisa.* O medo assaltou-o e começou a transpirar. Witwer deambulava pelo gabinete como se este já lhe pertencesse, como se estivesse a tirar-lhe as medidas. Não era capaz de esperar uns dias... de deixar passar algum tempo, por uma questão de decoro?

— Não custou nada — respondeu Witwer, jovial, de mãos nos bolsos. Avidamente, examinou os dossiês bojudos que se alinhavam nas prateleiras. — Não vim para a sua agência às cegas, sabe? Tenho ideias bem formadas acerca do modo como o Pré-Crime é gerido.

Com mãos trémulas, Anderton acendeu o cachimbo. — E como é que é gerido? Gostava de saber.

— Nada mal — disse Witwer. — Bastante bem, aliás.

Anderton encarou-o com firmeza. — É essa a sua opinião sincera? Ou é apenas conversa fiada?

Witwer fitou-o por sua vez sem ponta de malícia. — É sincera e já a manifestei em público. O Senado está muito satisfeito com o seu trabalho. Aliás, os se-

nadores mostram-se entusiásticos. — Acrescentou: — O mais entusiásticos que conseguem, tendo em conta que se trata de um bando de velhos jarretas.

Anderton sentiu um sobressalto, mas à primeira vista permaneceu impassível. Teve de fazer um esforço, porém. Pensou com os seus botões: qual será a verdadeira opinião de Witwer? O que é que se passará verdadeiramente dentro daquele crânio de cabelo cortado à escovinha? O jovem tinha olhos azuis, cintilantes — e de uma argúcia perturbadora. Era tudo menos palerma. E notava-se que tinha imensa ambição.

— Se bem entendi — disse Anderton cautelosamente —, o Ed vai ser o meu assistente até eu me reformar.

— É assim que eu encaro as coisas, também — replicou o outro, sem hesitar um instante.

— Eu posso reformar-me neste ano ou para o ano que vem... ou daqui a dez anos. — O cachimbo na mão de Anderton estremeceu. — Nada me obriga a reformar-me. Fundei o Pré-Crime e posso ficar a chefiá-lo enquanto muito bem entender. A decisão é minha e *só minha*.

Witwer fez que sim com a cabeça, ainda sem malícia no rosto. — É claro.

Com um esforço, Anderton serenou um pouco. — Só queria deixar tudo em pratos limpos.

— Logo de entrada — anuiu Witwer. — O John é que manda aqui. O John é que dá as ordens. — Sem o mais pequeno indício de dissimulação, perguntou: — Importa-se de me mostrar as instalações? Gostava de me familiarizar com o funcionamento desta casa o mais depressa possível.

Enquanto percorriam as fiadas de gabinetes iluminados por uma luz amarela, Anderton disse: — Já conhece a teoria do pré-crime, obviamente. Deduzo que possamos partir desse pressuposto.

— Possuo a informação de que o público em geral dispõe — replicou Witwer. — Num golpe arrojado, vocês conseguiram abolir por completo, graças aos vossos mutantes pré-cog, o sistema punitivo pós-crime assente em prisões e em multas. Todos temos perfeita consciência de que a punição nunca foi um grande dissuasor, e de que em nada ajudava a vítima já morta.

Tinham chegado ao elevador. No momento em que este os transportava velozmente para baixo, Anderton disse: — Provavelmente, já se apercebeu do empecilho legal de base em que assenta a metodologia do pré-crime. Nós prendemos indivíduos que não violaram lei alguma.

— Mas que vão certamente fazê-lo — afirmou Witter com convicção.

— Felizmente, não chegam a ter essa oportunidade... porque nós lhes deitamos a mão antecipadamente, antes que consigam cometer um ato violento. Por isso, o perpetrar do crime em si é metafísica em estado puro. Afirmamos que eles são culpados. Eles, pela sua parte, reclamam eternamente a sua inocência. E, num certo sentido, estão *mesmo* inocentes.

O elevador abriu as portas para os deixar sair e eles tornaram a percorrer um corredor amarelo. — Na nossa sociedade não ocorrem crimes graves — prosseguiu Anderton —, mas temos uma colónia penal cheia de criminosos em potência.

Portas abriram-se e tornaram a fechar-se, e eles entraram na ala analítica. Diante deles, erguia-se um friso impressionante de dispositivos — os recetores de dados e os aparelhos informáticos que estudavam e compilavam as informações recolhidas. E atrás da maquinaria encontravam-se sentados os três pré-cogs, quase ocultos da vista no meio do emaranhado de fios elétricos.

— Ali estão eles — disse Anderton secamente. — O que é que lhe parecem?